

Mariana Pinheiro de Sousa



A SALA DE AULA É A PASSARELA

quem brilha é o
Carnaval
de São Luís



Mariana Pinheiro de Sousa

**A SALA DE
AULA É A
PASSARELA**

quem brilha é o
Carnaval
de São Luís

São Luís
2022

Capa & Sumário

Antonio Wendel Caires de Almeida

Diagramação

Marla Rafaela Assunção

Texto

Mariana Pinheiro de Sousa

Revisão

Leonardo Dallacqua de Carvalho (orientador)

Esse livro foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas, sob a orientação do Prof. Dr^o Leonardo Dallacqua de Carvalho.



Sousa, Mariana Pinheiro de.

A sala de aula é a passarela : quem brilha é o carnaval de São Luís / Mariana Pinheiro de Sousa. – São Luís, 2022.

42 f.; il.

Produto educacional da dissertação Cultura popular ludovicense na sala de aula : sambas-enredo como fonte histórica educativa (1975-1985).

Orientação do Prof. Dr. Leonardo Dallacqua de Carvalho.

1. Ensino de História. 2. Carnaval. 3. Samba-enredo. 4. São Luís. I. Título.

CDU 394.25(812.1)(075)

APRESENTAÇÃO

Este paradidático, foi pensado e produzido para lhe apresentar sobre o carnaval de São Luís e as suas particularidades, identificando as características desse carnaval no período de 1975-1985. Dentre as diversas manifestações ludovicenses, iremos conhecer sobre a história das escolas de samba, sobre o tradicional fofão, tribos de índio, os blocos tradicionais, alternativos e organizados, dentre outras manifestações locais.

Você vai encontrar uma bela história sobre as especificidades carnavalescas ludovicense. Portanto, foram feitas seções, elaboradas para expandir ainda mais os conhecimentos sobre o conteúdo, dentre elas História e Documento, Curiosidades e Glossários, podendo ser identificado no decorrer dos capítulos, no entanto, esses detalhes serão descobertos ao longo dessa leitura.

Esta obra vai proporcionar uma maior percepção acerca dessa história que reflete na tradição, memória e identidade de uma sociedade. Cada região tem as suas especificidades e em São Luís não seria diferente. Esta pesquisa, tem por objetivo apresentar didaticamente essa temática pouco estudada e discutida em sala de aula.

A proposta é apresentar o Carnaval ludovicense como uma manifestação de grande potencial relacionado a transmissão de valores, preservação da memória, formação e criticidade do sujeito, possibilitando novas experiências de aprendizagem no ambiente escolar. Venha conhecer o Reinado de Momo ludovicense.

Boa Leitura!



SUMÁRIO

1. O Entrudo chegou	05
2. As Manifestações dos cordões e dos corsos	09
3. Os bailes carnavalescos Ludovicenses.....	16
4. Os blocos (tradicionais, organizados, alternativos e afros)	20
5. As escolas de samba	26
6. Vamos falar sobre os sambas-enredo?	30
Documentação e Bibliografia	37



1

O Entrudo chegou

O Carnaval é considerado uma das maiores representações da cultura popular brasileira. Essa brincadeira chegou ao Brasil sob a figura do entrudo europeu, por meio dos portugueses no século XVII e essa folia foi se espalhando por quase todas as cidades brasileiras, caracterizando um verdadeiro carnaval de rua.

O entretenimento correspondia em sujar de maneira desprevenida quem estivesse passando nas ruas, usando líquidos, pinturas e pó de vários tipos. A brincadeira em questão era semelhante ao

‘Carnaval de Sujos’, como era e ainda é conhecido na cidade de São Luís. O entrudo era tido como uma verdadeira desordem. A brincadeira contava com a participação de todos, ricos e pobres, brancos e escravizados.

A brincadeira do entrudo estava dividida em dois grupos: o *entrudo familiar* e o *entrudo popular*. O *entrudo familiar* era geralmente realizado nas residências das famílias pertencentes a elite social. O *entrudo popular* já era realizado nas ruas, no espaço público.

O entrudo familiar.
(Augustus Earle.
Jogos durante o
Carnaval no Rio de
Janeiro, 1822).



O entrudo popular.
(Jean-Baptiste
Debret. *Die
D'entrudo*, 1823).

HISTÓRIA E DOCUMENTO

Censura ao Entrudo

Na segunda metade do século XIX, as críticas e censuras ao Entrudo foram intensificadas. A Igreja Católica, a elite social e jornais da época cobravam providências das autoridades policiais e posicionamento por parte do estado para reprimir e controlar a brincadeira, inclusive por meio dos Códigos de Posturas. Em “A Festa Carnavalesca Ludovicense e a Herança Medieval”, o historiador Fabio Silva demonstra que essa campanha contrária também ocorreu na cidade de São Luís. Alguns membros da elite e parte das autoridades ludovicenses pressionaram a encerrar a brincadeira.

Contudo, com o passar dos anos começaram a orquestrar uma campanha contra o brincar o carnaval numa perspectiva do Entrudo. Assim, a elite, tanto no Brasil como no Maranhão, passa a pressionar as autoridades para cercear a manifestação da população, que saía pelas ruas para praticar o Entrudo. Nesse sentido, passa a ser ventilado nos jornais um novo modelo de brincar o carnaval- o modelo burguês- também influenciado pela medievalidade, que é o carnaval dos mascarados (SILVA, 2009, p. 187).

Logo após a proibição do entrudo, as ruas foram tomadas pelas brincadeiras organizadas pelos clubes sociais e limitadas à elite da cidade, por julgarem ser a forma mais civilizada de brincar o Carnaval. Como apontado por Débora Monteiro (2010), essa burguesia emergente, influenciada pelos valores e modelos parisienses, ansiava por estabelecer na cidade os mesmos padrões estéticos, morais e culturais reinantes na Europa.

MONTEIRO, Débora Paiva. O mais querido "fora da lei": um estudo sobre o entrudo na cidade do Rio de Janeiro (1889-1910). **Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh**. Rio de Janeiro: Unirio, 19 a 23 de julho de 2010.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

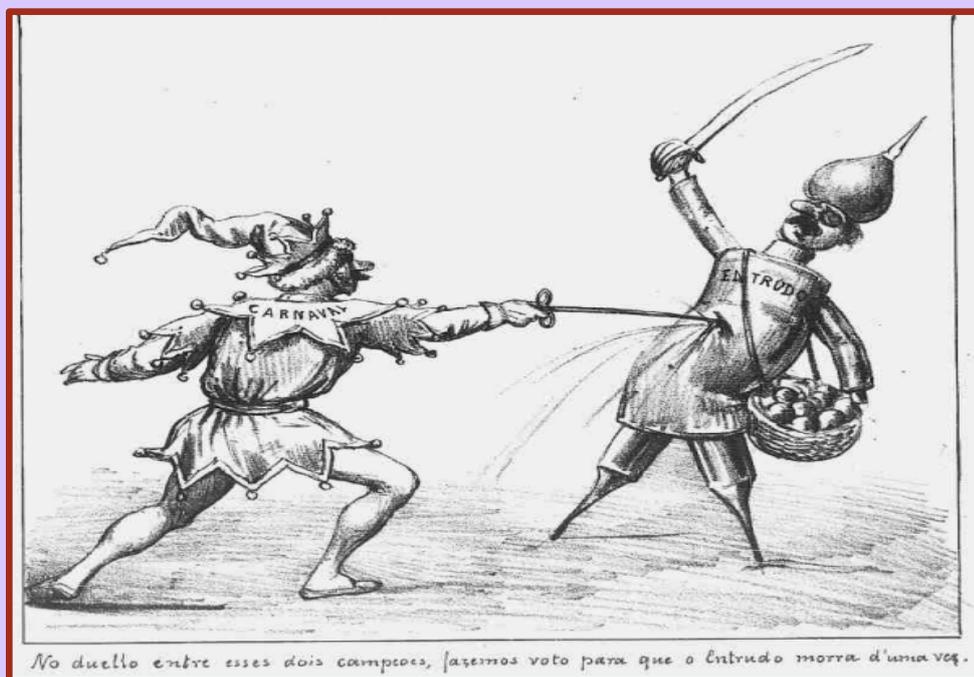
SILVA, Fabio Monteiro. A festa carnavalesca ludovicense e a herança medieval. In.: VIEIRA, Ana Livia Bonfim. ZIERER, Adriana (org.). **História antiga e medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedades e imaginário**. São Luís: Ed. UEMA, 2009, p. 187.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)**. São Luís: Eduema, 2015

CURIOSIDADE

“O Carnaval segundo Angelo Agostini”

Segundo Nathália Nogueira, durante o Segundo Reinado (1840-1889), muitos jornais e panfletos circulavam por todo o Império brasileiro e essa liberdade de expressão acabou contribuindo para o fortalecimento de uma imprensa crítica e dinâmica, que expressava opiniões sobre os mais diversos assuntos, inclusive o Carnaval. Angelo Agostini (1843-1910) foi um desenhista ítalo-brasileiro que fez diversas caricaturas do carnaval brasileiro na Revista Ilustrada (1880-1884), um folhetim carioca. Através de desenhos e recursos textuais, Agostini buscou representar a diversidade sociocultural do Brasil, sem poupar críticas ao Entrudo.



“No duello entre esses dois campeoes, fazemos voto para que o Entrudo morra d'uma vez”.

Angelo Agostini. Revista Ilustrada, nº 238, Rio de Janeiro, 1881.

Nathália Nogueira diz que, para Angelo Agostini, o Entrudo representava uma festa violenta e desordenada, que permitia uma “gentalha” a tomar conta das ruas e ofender os bons costumes da época. Apesar das críticas ao carnaval de rua, o desenhista acreditava que o carnaval era uma manifestação típica da cultura brasileira. Ele fazia parte de um grupo que desejava colocar ordem na folia, desestimulando e pedindo a proibição da prática do Entrudo.

Reverendo o capítulo

1 – O Carnaval chegou ao Brasil sob a figura do entrudo europeu por meio dos portugueses no século XVII. Explique um pouco mais sobre o entrudo e fale como ele era dividido.

R=

2 – Explique porque a brincadeira do entrudo foi proibida.

R=

As Manifestações dos cordões e dos cursos

Neste capítulo, iremos abordar sobre as riquezas do folclore e da cultura local na construção de uma identidade e tradição carnavalesca no cenário ludovicense. O período momesco é repleto de diversas manifestações: blocos e carnaval de rua, ao lado das apresentações das legiões de fofões, cordão de urso, tribos de índios, entre outras.

É interessante lembrar que no início da década de 1970, São Luís chegou a protagonizar o terceiro melhor carnaval do Brasil, um mito que perdura até os dias atuais entre os foliões saudosistas. Esse reconhecimento é resultado da fase dos Cordões, identificado pelos brincantes, pela classe carnavalesca, como a fase mais variada do carnaval ludovicense.



O Imparcial. São Luís vai manter-se como 3º Carnaval do Brasil, 22/02/1974.

O Imparcial. Hoje, amanhã e depois, nos clubes e nas ruas, tudo é só Carnaval, 24/02/1974.



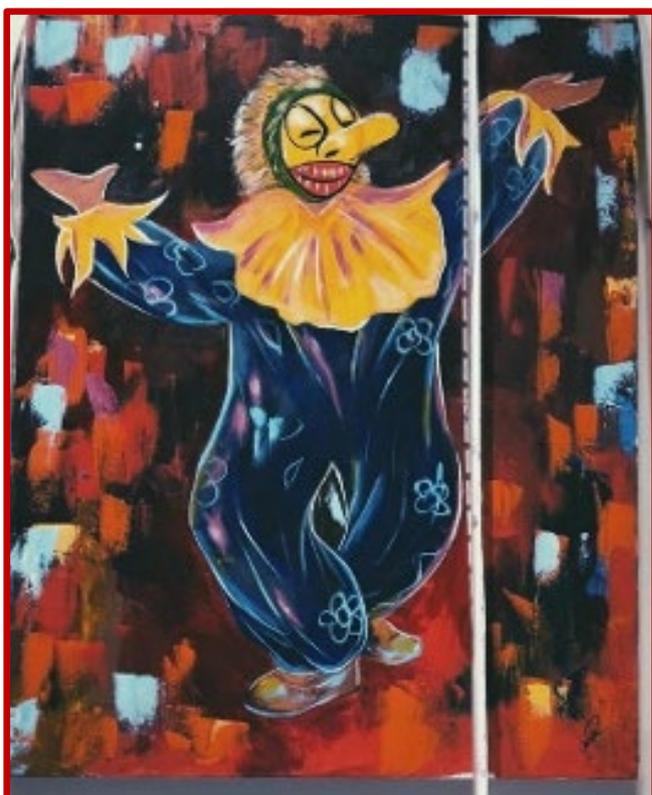
Cordões de Urso

Os cordões de urso eram compostos por brincantes que usavam fantasias de bichos como urso e macaco, o último geralmente era o domador. Esse grupo apresentava-se nas portas das casas e praças, animados por uma **charanga**. Os ursos demonstravam suas habilidades, dançando ou dando cambalhotas, sob a orientação do domador. No final da apresentação recolhiam gorjetas dos espectadores.

GLOSSÁRIO

Charanga

Banda de música composta por instrumentos de sopro e, às vezes, também de tambores.



Fofão.

Foto: Stella Gonçalves/ G1 MA. G1.
Exposição gratuita em São Luís celebra a figura do Fofão, símbolo do Carnaval Maranhense, 16/ 02/ 2021.

Cordões de Fofão

Inspirado na tradição dos bobos da corte, o fofão é um dos principais símbolos do carnaval ludovicense. Apesar de não ser mais visto com tanta frequência, o cordão de fofão marca o tradicional carnaval de rua. Esse grande palhaço é caracterizado pelo uso de uma vestimenta bem específica: roupa de chitão ou tecido estampado; máscara de papel machê ou borracha; guizos nas extremidades da gola, mangas e pernas; luvas; varinha para espantar os cachorros e muita alegria.

Antigamente, a legião de fofões costumava sair em cortejo pelos bairros populares de toda São Luís. O fofão tradicional carregava, além da varinha, uma boneca, que era usada para um trote. A pessoa que tocasse ou recebesse a boneca deveria pagar algum trocado, senão era perseguida até o final da brincadeira.



Jornal O Estado do Maranhão.
Carnaval de rua da década de 1980,
18/02/1980.



Jornal O Estado do Maranhão. Da
*“monstruosidade” à irreverência: a
tradição secular genuína do fofão,*
15/02/2020.

CURIOSIDADE

Conheça a vestimenta do fofão



A chita é um tecido de algodão com estampas de cores fortes e, geralmente, com flores. Além do carnaval, é um tecido característico das festas juninas, o que lhe rendeu uma identidade nacional.



Fofão.

Exposição U LA LÁ FOFÃO.
Foto: Stella Gonçalves/ G1 MA.
G1. *Exposição gratuita em São
Luís celebra a figura do Fofão,
símbolo do Carnaval
Maranhense, 16/ 02/ 2021.*



A máscara de papel machê é feita através de cola, jornal e tinta. Além disso, as máscaras de borracha também são muito populares entre os brincantes.

Tribo de Índio

Essa brincadeira tem as suas origens por volta da década de 1950 no carnaval ludovicense. As suas vestimentas estavam associadas aos índios norte-americanos, provavelmente influenciados por filmes de faroeste. Marcado por um batuque forte e marcante, o som apresenta uma batucada ligeira e única, com o uso de instrumentos como tambores e ritintas.



Tribo de índio no carnaval de rua de São Luís.
(GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO.
Praça Nauro Machado foi tomada por foliões e
agregações carnavalescas,
16/02/2019).

Os brincantes são índios guerreiros, caciques, enfermos e feiticeiros. Além dos cocares e adereços indígenas (penas e peles), as danças também reproduzem rituais e hábitos das comunidades indígenas. As apresentações acontecem por exemplo, como uma encenação no estilo de um ritual, onde o feiticeiro ou curandeiro devolve a vida a alguém que está doente, através das forças e energias dos animais protetores da floresta.



Curandeiro da Tribo de índio Tapioca Uhu.
(G1 Maranhão. Carnaval de São Luís tem
desfile de 'tribos de índios', 02/01/2013).
(Foto: Diego Chaves/O Estado)



Tribo de índio Tapioca Uhu.
(G1 Maranhão. Carnaval de São Luís tem
desfile de 'tribos de índios', 02/01/2013).
(Foto: Diego Chaves/O Estado)

As Tribos...

Carajás	Tapiaca Uhu
Curumim	Tupinambás
Guajajaras	Tupiniquins
Guarany	Upaon-Açu

Corso

Outra manifestação adotada e adaptada ao cenário festivo ludovicense foram os Corsos. Os desfiles aconteciam em forma de cortejo pela cidade, através de veículos decorados em forma de alegorias. Os passageiros também costumavam se fantasiar e eram acompanhados por uma banda. Entre os anos de 1920 e 1960, os Corsos atraíram grande número de foliões.



Desfile de corso no Carnaval do Rio de Janeiro (MALTA, Augusto. *Desfile do corso durante o carnaval, 1919* / Acervo Instituto Moreira Salles).



Desfile de corso no Carnaval de São Luís (SANTOS, Camilo Gomes do. *Corso na Praça Gonçalves Dias, s/d*).

Casinha da Roça tem as suas origens na década 1940, tratava-se de uma verdadeira casa da roça, essa manifestação cultural também é muito característica do carnaval ludovicense. São construídas de palhas na carroceria de um caminhão. Dentro da casa, havia um tambor de crioula, cozinheiras fazendo comidas típicas e índios a vigiar a casa. Na década de 1990, surgiram novas versões, como a Tijupá e a Tapera, que apresentavam apenas o tambor de crioula.



Casinha da Roça. (O Estado. *Por falta de verba, Tijupá não desfilará no Carnaval, 07/02/2018*).

Assim como outras brincadeiras, o Corso também foi sofrendo algumas transformações. A perda de espontaneidade foi decorrência, principalmente, da intervenção dos organizadores para adequar e incluir essa manifestação nos concursos promovidos pelo governo.

HISTÓRIA E DOCUMENTO

Baralho: carnaval e escravidão

O historiador Ananias Martins destaca que o Baralho tem a sua origem ligada ao período da escravidão no século XIX até a inserção social dos negros no século XX. Para o autor, essa manifestação era uma crítica aos valores sociais ligados ao tempo da escravidão, na proporção em que se percebiam a inversão de valores, ou seja, o negro se pintava de branco e usava objetos relacionados a elite imperial, como sombrinhas e chapéus para andar nas ruas. Com o fim da escravidão, a brincadeira do baralho passou a ser adotada pelas pessoas das áreas periféricas em São Luís do Maranhão.

Ontem assistimos, com pasmo, o celebre baralho, composto de tipos embriagados e mulheres sem escrúpulos a fazer, pelas ruas da cidade, os gestos mais obscenos seguidos duma gritaria infernal. É vergonhoso, para nós assistir a essa documentação de nosso atraso, fazendo o carnaval com essas brincadeiras, que a polícia bem não podia consentir. (**O Jornal**, 24 de fevereiro de 1919 apud MARTINS 2013, p. 82).

Ananias frisa que por se tratar de uma manifestação popular, o Baralho gerava desconforto na classe elitista e mais conservadora da sociedade, destacando a visão de Domingos Vieira Filho.

O baralho nos veio do carnaval do passado, era brincadeira de gente do povo, humilde e simples, escravos, sobretudo. E os gestos obscenos referidos pelo noticiário deveriam ser naturalmente o bamboleio do corpo em requebros voluptuosos. (VIEIRA FILHO, 1977, p. 29 apud MARTINS 2013, p. 82).

O historiador ressalta que o Baralho tinha indumentárias, ritmos e canções e que poderia ter adotado o formato das Escolas de Samba, mas não conseguiu alcançar essa configuração de manifestação.

MARTINS, Ananias Alves. **Carnavais de São Luís**. São Luís: Editora Teresina, 2013.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore brasileiro Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977, p. 29.

Revedo o capítulo

1 – Sobre as riquezas do folclore e da cultura local, característico do Carnaval dos Cordões, qual manifestação mais te chamou atenção? Explique.

R=

3

Os bailes carnavalescos ludovicenses

Como falamos no capítulo anterior, o entrudo foi proibido não apenas no cenário ludovicense, mas no Brasil como um todo, devido ao formato violento que a brincadeira foi tomando ao longo dos anos. No entanto, o Carnaval em São Luís acaba sendo readequado quanto a forma de se divertir durante a folia momesca.

Logo após a proibição do entrudo, as ruas foram tomadas pelas brincadeiras organizadas pelos clubes e limitadas à classe elitista da cidade, por julgarem ser a forma mais civilizada de brincar o Carnaval. Estamos nos referindo aos bailes carnavalescos, brincadeira característica das décadas de 1950 e 1960.

**“Bailes de carnaval da década de 1970 com as mulheres participando ativamente, durante a festa, e se divertindo”.
(O Estado. *Bailes como “atalhos sociais” às mulheres da alta sociedade*, 02/ 03/ 2019).**

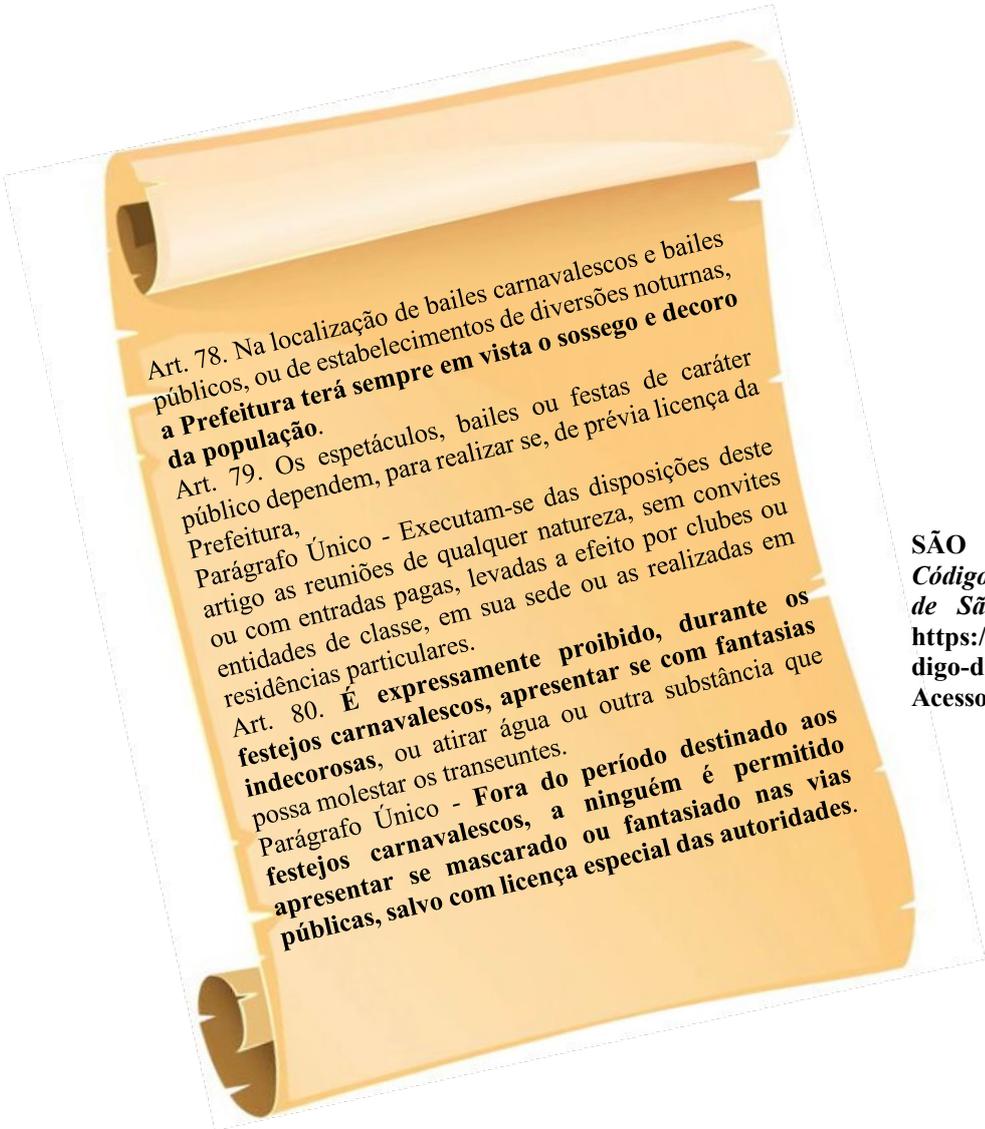


**“Bailes em clubes, com trajés de gala e decoração exuberante”.
(O Estado. *Bailes como “atalhos sociais” às mulheres da alta sociedade*, 02/ 03/ 2019).**

Ao final da década de 1950, os bailes começaram a ser questionados socialmente, passando a ser classificados enquanto espaços de desordem.

A partir de 1968, atendendo ao pedido dos setores mais conservadores, a prefeitura começou a instituir normas reguladoras e proibitivas na realização desses bailes.

Em 12 de maio 1968, o então prefeito da cidade, Epitácio Cafeteira, baixou o *Código de Posturas do Município de São Luís*. O código destacava a defesa do decoro e a proibição do uso de máscaras em festas – exceto no Carnaval ou com licença especial das autoridades.



Art. 78. Na localização de bailes carnavalescos e bailes públicos, ou de estabelecimentos de diversões noturnas, **a Prefeitura terá sempre em vista o sossego e decoro da população.**

Art. 79. Os espetáculos, bailes ou festas de caráter público dependem, para realizar se, de prévia licença da Prefeitura,

Parágrafo Único - Executam-se das disposições deste artigo as reuniões de qualquer natureza, sem convites ou com entradas pagas, levadas a efeito por clubes ou entidades de classe, em sua sede ou as realizadas em residências particulares.

Art. 80. **É expressamente proibido, durante os festejos carnavalescos, apresentar-se com fantasias indecorosas,** ou atirar água ou outra substância que possa molestar os transeuntes.

Parágrafo Único - **Fora do período destinado aos festejos carnavalescos, a ninguém é permitido apresentar-se mascarado ou fantasiado nas vias públicas, salvo com licença especial das autoridades.**

SÃO LUÍS. Lei nº 1.790/68. Código de Posturas do Município de São Luís. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/codigo-de-posturas-sao-luis-ma>. Acesso em 19 de junho de 2021.

HISTÓRIA E DOCUMENTO

“Bailes como “atalhos sociais” às mulheres da alta sociedade”

Esta publicação feita no jornal *O Estado*, por Thiago Bastos, diz que as mulheres neste período, buscavam por melhores condições e valorização social, principalmente independência no comportamento em relação aos homens daquela época, destacando o papel dos eventos da folia, na transformação.

O jornal apresenta a visão da professora e estudiosa do assunto, Sandra Maria Nascimento, que escreveu a obra “Mulher e Folia”, onde tratava sobre a participação das mulheres nos bailes de máscaras no carnaval Ludovicense nos períodos de 1950 e 1960.

“Mulheres da alta sociedade e os bailes”

Na matéria é evidenciado que, mesmo nos bailes tidos como populares, a participação das mulheres da chamada alta sociedade é reconhecida, portanto, este público vestia fantasias como a de dominó, cobrindo-se dos pés à cabeça evitando o reconhecimento.

“Estas mulheres, não somente por curiosidade, iam para os bailes para, por exemplo, ver se seus maridos ou companheiros estão por lá com outras jovens. Era uma forma de liberdade destas mulheres e também uma busca por mais direitos e ascensão social”, frisou a professora Sandra.

“Depois da festa, a normalidade”

Ainda é destacado na publicação que até a Quarta-feira de Cinzas, as mulheres se permitiam a mesma “liberdade”, igualar-se aos homens no quesito social, pois posteriormente a isso, as ordens comuns e vigentes do período eram restabelecidas. "Entre janeiro até este período de Cinzas, as mulheres se davam mais protagonismo. Depois disso, voltavam para as suas funções normais, aguardando de forma ansiosa o Carnaval do ano seguinte”, apontou a professora.

BASTOS, Thiago. Bailes como “atalhos sociais” às mulheres da alta sociedade. *O Estado*, 02/03/2019. Disponível em: <https://oestadoma.com/noticias/2019/03/02/bailes-como-atalhos-sociais-as-mulheres-da-alta-sociedade/>. Acesso em 14 fev. 2022.

Revedo o capítulo

1 – Porque os Bailes de Máscara passaram a ser julgados e o que contribuiu para o declínio da brincadeira?

R =

4

Os blocos

Os blocos tradicionais é uma brincadeira das mais tradicionais do Carnaval ludovicense e estão buscando o reconhecimento como Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil.

Os grupos são conhecidos pelas vestimentas luxuosas e a batucada única, através de instrumentos como o violão,

cavaquinho, retintas, cabaças, entre outros. Cada grupo escolhe um tema que vai servir como inspiração na criação das suas fantasias e composições.

Com o aparecimento das passarelas foi possível fazer a identificação das brincadeiras, ou seja, identificar o que seria um bloco organizado, alternativo ou afro.



**Bloco Tradicional
“Os Vigaristas”,
Carnaval de 1975.
(JP Turismo. São
Luís celebra hoje o
Dia Municipal dos
Blocos Tradicionais,
08/05/2021).**



**Bloco Tradicional
“Os Apaixonados”,
Carnaval de 2019.
(Jornal Pequeno.
Resultado dos Blocos
Tradicionais e Blocos
Organizados do
Carnaval de 2019,
07/03/2019).**

Blocos Tradicionais

Os Blocos Tradicionais representam o autêntico carnaval de São Luís. Sua história começa na década de 1920, quando as “turmas” saíam pelas ruas. Também eram conhecidos como Blocos de Ritmo, por apresentarem uma temática diferente a cada Carnaval.

As apresentações são marcadas pelo som de instrumentos típicos como o tambor contratempo, retintas, cabaças, reco-recos, agogôs, maracás, apitos, entre outros. Além disso, desfilam com um figurino próprio em uma única ala.

Os Blocos Tradicionais além de realizarem apresentações por São Luís, também desfilam na Passarela do Samba, participando do concurso, sendo avaliados e concorrendo a ganhar como melhor bloco tradicional do Carnaval de passarela.



Os primeiros blocos.
(G1 Maranhão. *Dia dos Blocos Tradicionais: relatos de quem vive a forma genuína da manifestação cultural em São Luís,* 08/05/2021). Foto: Arquivo/Biblioteca Pública Benedito Leite.



Bloco organizado Os Liberais.
(G1 Maranhão. *Conhecida ordem de desfile dos Blocos Organizados do MA em 2016,* 18/12/2015). (Foto: Douglas Jr. / O Estado).

Blocos Organizados

Os Blocos Organizados também fazem a alegria do nosso Carnaval. A sua origem está ligada aos antigos blocos de sujo, uma variante dos cordões marcada pela improvisação. Atualmente, adotam um enredo e um samba específico, além de serem acompanhados por uma charanga ou por uma bateria.

Blocos Alternativos

Os Blocos Alternativos também são variantes dos antigos corsos e blocos de sujo. Oriundos da década de 1980, esses blocos são compostos por uma grande quantidade de foliões, que se apresentam com abadáas ou camisas personalizadas (de certa forma, influenciados pelo carnaval baiano).

Desta categoria fazem parte, por exemplo, o Bicho Terra, a Máquina de Descascar'Alho, o Jegue Folia e a Banda da Bandida.



Bicho Terra.
(Blog O Estado. *Pré-Carnaval na Casa Barrica*, 13/01/2017).



Cortejo da Máquina de Descascar'Alho.
(Jornal O Estado. *A batucada de carnaval adaptada à pandemia*, 01/01/2021).



Bloco Afro Akomabu.
(Jornal Além dos Limites. *Bloco Afro Akomabu*. Disponível em:

<https://jornalalemndoslimites.com/bloco-afro-akomabu>. Acesso em 29 mai. 2022).

Blocos Afros

Com um batuque forte e marcante, dança coreografada, esses blocos conciliam a folia com as denúncias acerca de questões sociais (violência, discriminação, preconceito); além de transmitir uma mensagem de luta e resistência da negritude. O pioneiro desse movimento foi o *Akomabu*, criado em 1984 pelo Centro de Cultura Negra (CCN – MA).

CURIOSIDADE

Fuzileiros da Fuzarca: 86 anos de resistência no Carnaval ludovicense

A mais tradicional turma de samba, são 86 anos de resistência no carnaval ludovicense. Assim como destacado pelo jornal *O Imparcial*, Os Fuzileiros da Fuzarca são sobrevivente dos grupos tradicionais da década de 1940, foi fundado no ano de 1936 por compositores apaixonados pelo carnaval.

São conhecidos tradicionalmente por ainda possuir o mesmo batuque cadenciado, produzido pelas ritintas, taróis-demão e duas-por-uma, instrumentos de couro. Preservando a mesma vestimenta nas cores preto e o branco desde a sua fundação. Os fuzileiros continuam a brilhar no carnaval ludovicense.

CUNHA, Patrícia. Grupos carnavalescos dão início ao carnaval de rua na Madre Deus. <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2017/01/grupos-carnavalescos-dao-inicio-ao-carnaval-de-rua-na-madre-deus/>. Acesso em 20, abr 2022.



Fuzileiros da Fuzarca.

Foto: Thiago Veloso/O Imparcial.

(O Imparcial. *Fuzileiros da Fuzarca se preparam para seu aniversário de 80 anos*, 28/ 12/ 2015.)

HISTÓRIA E DOCUMENTO

Bloco Príncipe de Roma: memórias e saudosismo

Assim como apontado pela historiadora Thays Silva, o Príncipe de Roma é um bloco tradicional que surgiu em 1969 no bairro do Lira, na Rua Padre Roma. O bloco foi fundado por Alberto Baima Barbosa, um grande apaixonado pela cultura popular ludovicense. A sede era frequentada pela família e amigos o que acabava criando esse caráter familiar, a ideia de pertencimento a uma comunidade. A primeira vez que o bloco saiu, os componentes fantasiaram-se de príncipe, como lembra Nadja Maria Guimarães Barbosa, filha de Alberto.

Lembro dos componentes todos vestidos de príncipe, com uma peruca branca na cabeça, tocando aqueles tambores grandes que são chamados de contratempo. Uma lembrança de algo que parecia que estava vindo de um verdadeiro reinado [...] Aquilo me marcou muito, pois eu tinha dez anos na época, então aquele cenário pra mim era mágico e aquele som, jamais sairia da minha memória (apud SILVA, 2016, p. 60-61).

A autora continua a destacar ao longo de sua pesquisa as lembranças de Nadja Barbosa, que fala com muito saudosismo sobre o entusiasmo e a felicidade de seu pai durante a festa momesca:

Meu pai era um apaixonado pelo Carnaval. Quando chegava a época, a emoção e a alegria que ele sentia em estar vivendo esses momentos, a gente olhava pra ele e parecia que estávamos vendo uma criança [...] Aquela alegria dele em tá envolvido, em participar, em brincar, em estar vendo também a família toda junta, brincando (apud SILVA, 2016, p. 61).

A historiadora conclui que o universo dos Blocos Tradicionais, no qual o Bloco Tradicional Príncipe de Roma está inserido, é extenso e pouco explorado. Portanto, o objetivo do seu trabalho é construir a história do Bloco por meio das memórias de seus brincantes e ex-brincantes, aprofundando a origem, continuidade e transformações do grupo, visto que o Príncipe de Roma é um dos Blocos Tradicionais mais antigos do Carnaval de São Luís.

SILVA, Thays Conceição de Jesus Barbosa. **“Príncipe de Roma”**: memórias e transformações de um bloco tradicional do carnaval de São Luís. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Revedo o capítulo

1 – Escolha um Bloco de sua preferência e em casa faça uma pesquisa histórica sobre ele, depois compartilhe em sala de aula com seus amigos e professores o que você descobriu.

R =

As escolas de samba

No Brasil, as primeiras escolas de samba surgiram na década de 1920. A Turma da Mangueira, é a mais antiga das agremiações do estado do Maranhão, fundada em 1928, sua sede está localizada no bairro do João Paulo, tendo como cores oficiais verde e rosa.

Em São Luís do Maranhão, com o declínio dos Bailes de Máscaras, o carnaval ludovicense começou a se remodelar dando

espaço para outras brincadeiras e as turmas de samba e os blocos começaram a ficar em evidência.

No entanto, no início da década de 1970, percebe-se a perda de espontaneidade das brincadeiras ludovicenses por influência do Carnaval de passarela do Rio de Janeiro, que passou a ser transmitido no país em 1973.



**Espaço destinado para a passarela do samba de São Luís.
(Jornal O Imparcial, 23 de fevereiro de 1979).**

Inicialmente, as escolas de samba da cidade de São Luís eram conhecidas como “turmas de samba”, como por exemplo: Turma do Quinto, Turma da Mangueira, Turma da Flor do Samba e assim por diante. As turmas acabavam saindo em forma de cortejo pelo centro da cidade, sem a formação de alas, apenas com a batucada e a baliza à frente.

Na década de 1970, as turmas foram influenciadas pelo carnaval carioca, por meio das mídias televisivas. O historiador Ananias Martins afirma que nesse momento o carnaval de São Luís cede espaço para o “Carnaval do Samba”, destacando que a combinação entre os **ranchos** e o batuque representa as características principais das escolas de samba.

GLOSSÁRIO

Ranchos

Segundo o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, o rancho era um agrupamento de pessoas que cantavam e dançavam. Usavam vestimentas vistosas e a música era acompanhada pelo violão, viola, cavaquinho, entre outros.



Turma do Quinto no Carnaval de 2019, na Passarela do Samba — Foto: Paulo Soares / O Estado MA (G1 Maranhão. *Turma do Quinto lança o samba-enredo para o Carnaval de 2020, 07/12/2019*).

HISTÓRIA E DOCUMENTO

"Carioquização" do carnaval ludovicense?

O historiador Ananias Martins afirma que o processo de “cariocarização” e a intensificação das competições se deu a partir da inserção de novos elementos para espetacularização da brincadeira, o que gerou uma sensação de crise.

A competição dos grupos passou a consistir na introdução de elementos novos, na música, na indumentária, nas alas e nos instrumentos, em regra copiando o que se torna sucesso no Rio de Janeiro, de acordo com o depoimento dos protagonistas de época. Para Luís França, a partir da instituição de regimentos, com espelho no carnaval carioca, quem não adotasse não ganhava. (MARTINS, 2013, p. 110).

A ideia defendida por Fabio Monteiro parece mais adequada e contrária a essa teoria. Para o historiador, apesar das escolas de samba ludovicense terem sido influenciadas pelo carnaval carioca, as mudanças acabaram por acontecer de forma natural fazendo parte do processo de transição que ocorre nas sociedades como um todo.

A partir da década de 1970, quando a mídia começa a mostrar carnaval carioca é que as escolas de São Luís começaram a adotar a mesma forma de desfile do Rio de Janeiro, dividindo em alas, carros alegóricos, bateria. Dentre as escolas de São Luís, as que mais se destacaram no concurso oficial foram a Turma do Quinto, a Flor do Samba e a Favela do Samba. Essas agremiações contam com os chamados “padrinhos políticos”, bem como uma infraestrutura no mínimo para produzir um bom desfile no carnaval. (SILVA, 2009, p. 108).

No entanto, essa forma de organização e estrutura da brincadeira foram bastante questionadas, principalmente a sua legitimidade e aceitação no carnaval ludovicense. Durante esse processo, muitos intelectuais ludovicenses acabaram discutindo sobre essas transformações que foram pautadas no processo da “carioquização” das Escolas de Samba, apesar de saber que as transformações fazem parte do processo de evolução social.

MARTINS, Ananias Alves. **Carnavais de São Luís**. São Luís: Editora Teresina, 2013.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: permanências e rupturas nocarnaval de São Luís (1950-1996)**. 2009. 151f. Teresina: Universidade Federal do Piauí – programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2009.

Reverendo o capítulo

1 – Você concorda que houve um processo de carioquização das escolas de samba em São Luís ou discorda dessa ideia? Explique.

R=

6

Vamos falar sobre os sambas-enredo?

Nos fins do século XX, as disputas entre as escolas de samba intensificaram-se, permanecendo até os dias atuais. Dentre os critérios que envolvem a organização da brincadeira, podemos destacar: o tempo de apresentação, carros alegóricos, alas, mestre-sala, porta-bandeira, comissão de frente. Um novo critério adotado foi a apresentação de um enredo, ou seja, a

escolha de um único samba para ser apresentado na avenida, o samba-enredo.

O samba-enredo detêm esse papel social de transmissor de uma mensagem, seja ela de caráter crítico, de exaltação, biográfico, etc. Portanto, o samba pode ser configurado como um vetor linguístico, transpondo barreiras intelectuais, morais e sociais ao preservar a memória e identidade cultural local, regional ou nacional.



Mestre-sala e Porta-bandeira da Escola Favela do Samba.

Foto: De Jesus

(HENRIQUE, Márcio. *A Favela do Samba é a grande campeã do Carnaval 2019 de São Luís*. Jornal O Estado, 06/03/2019).

HISTÓRIA E DOCUMENTO

O Samba como símbolo da identidade nacional

O Samba passou por um longo processo de formatação social. Esse estilo musical foi sendo adaptado para se tornar um símbolo de identidade nacional, processo esse que foi iniciado pelo Estado durante o governo Vargas. O samba foi tomando cada vez mais popularidade durante este cenário e, portanto, acabou sendo usado por Vargas como arma de propaganda política de um projeto ideológico nacional, o que corroborou para a sua consolidação como um símbolo nacional e na formulação de uma identidade nacional.

A partir de 1935, as escolas são solicitadas a colaborar com a propaganda patriótica, iniciando-se a tradição dos enredos "capazes de estimular o amor popular pelos símbolos da pátria e pelas glórias nacionais" (TUPY, 1985, p. 83). Os desfiles passam também a ser subvencionados pelo governo. É indicado o jornal "A Nação" para, em conjunto com o Departamento de Turismo da PDF, promover e dirigir os desfiles. (VICENTE, 2006, p. 24).

O pesquisador Eduardo Vicente concorda que o carnaval se configurou como umas das manifestações populares mais temidas pela classe dos governantes, visto que possui características anárquicas e embaralhamento dos papéis sociais. Além disso, os sambas-enredo que estão ali presentes com o objetivo de nortear um desfile e transmitir uma mensagem durante as suas apresentações.

COELHO, Carla Araújo. O Estado Novo e a integração do samba como expressão cultural da nacionalidade. Revista Vernáculo, n. 27, 1o sem., 2011.

VICENTE, Eduardo. **A música popular e o Estado Novo (1937-1945)**. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/37.pdf>. Acesso em 28 fev. 2022.

SAMBAS-ENREDOS DE SÃO LUÍS: LENDAS, MISTÉRIOS, MITOS E FOLGUEDOS

O samba de enredo é feito para os desfiles dessas agremiações e, a cada ano, cria-se uma expectativa sobre qual será o samba vencedor. As letras reforçam a viabilidade deste objeto como fonte histórica a ser aplicada e explorada em sala de aula. Trata-se de uma riqueza cultural que pode fortalecer o ensino de História local (cultura popular ludovicense, memória e identidade local) e permitir novas abordagens temáticas e teóricas no campo da História.

Ana Jansen: A Lenda de uma mulher maranhense

(Turma do Quinto, 1977)

Autoria: Henrique Sapo

Foi há muitos anos atrás
Em São Luís do Maranhão
Quando tudo era dominado
Pela monarquia
No tempo da escravidão
Nasceu em uma família nobre
Uma menina a qual Ana Jansen se chamou
Que por força do poder
Tão poderosa ela ficou
Após o seu segundo matrimônio
Com a herança que ficou
Muitos escravos ela comprou (bis)
E aos domingos
Quando ia passear
Triste daquele escravo
Que se recusasse a carregar
Marcado estava o seu destino
Para a semana inteira apanhar
E de acordo com a sua ira
No poço ela mandava jogar (bis)
Credo cruz
São José, Ave Maria
Quando eu conto essa história
Até o meu corpo se arrepiam (bis)
Dai então
Depois da sua morte
E que veio a sua maldição
Devido a sua maldade
Que ela fazia com os cristãos
Criou no coração desse povo
O ódio e a superstição
Que as quintas e sextas feiras à meia noite
A carruagem fazia assombração (bis)
Credo cruz
São José, Ave Maria
Quando eu conto essa história
Até o meu corpo se arrepiam (bis)



Ana Jansen.
O Imparcial. O verdadeiro
medo da poderosa Ana
Jansen. 31 de janeiro de
2018. Arquivo O Imparcial



Carruagem de Ana Jansen.
Mega Curioso. Ana Jansen: a antiga lenda
que assombrou o Maranhão do século XX.

Disponível em:

<https://www.megacurioso.com.br/misterios/119615-ana-jansen-a-antiga-lenda-que-assombrou-o-maranhao-do-seculo-xx.htm>. Acesso em 28 abr. 2022. (Fonte: Imirante/Reprodução)

“Ana Jansen: A Lenda de uma mulher maranhense” foi enredo da Turma do Quinto no carnaval de 1977. O samba faz referência a Ana Joaquina Jansen, “Donana”, uma mulher singular, senhora de escravos, detentora de uma das maiores fortunas e com muita influência política no Maranhão colonial do início do séc. XIX.

Segundo a lenda de Ana Jansen, em noites de sexta-feira, uma carruagem vaga pelas ruas de São Luís com o espírito de Ana Jansen, pagando pelas maldades que cometeu em vida, conduzida por um escravo decapitado e puxada por cavalos também decapitados, que emanam fogo no lugar de suas cabeças. Quem se deparar com tal aparição deverá fazer uma oração pela salvação da alma de Ana Jansen, sob pena de receber uma vela de cera que, durante a manhã, se transformará em osso humano. Para os ludovicenses, a lenda baseia-se em uma mulher autoritária, vingativa e malévola, condenada a vagar e assustar quem se achesse a cruzar o seu caminho.

I JUCA PIRAMA

(Turma do Quinto, 1978)

Autoria: Zé Pereira Godão

A Nação timbira estava em festa!
No centro da taba um Tupy
Canta os feitos que lhe resta
Suplica, ao chefe timbira,
A vida ao seu velho pai,
Que cego e cansado, no mundo, o que será!
O Tupy chorava: deixa-me viver!
Serei vosso escravo, aqui verei ter.
Soltai-o! Brada o chefe, livrando da morte.
És livre guerreiro, tu enfraquece os fortes.
(filho meu..)
Filho meu, onde estas? – Ao vosso lado.
Tardaste muito, ó filho caro
E o guerreiro justifica, tudo que lhe
aconteceu
Ao velho pai nobre Tupi, que veio a tribo
agradecer.
Mas quando soube da dura verdade
Exclamava: Meu filho não és!
Tu choraste em presença da morte

Rejeitado dos vis Aimorés.
E deixa o filho
Em meio aos Timbiras novéis.
Alarma! Bravejou o moço índio
E os golpes que desciam
Já provavam seu valor.
O chefe timbira enaltece o Tupy
Do pai, o remorso – Meninos eu vi!
Toda essa história
Foi gerada na memória
Do grande poeta Gonçalves Dias
Que o povo enamora
A Turma do Quinto
Mostra este ano.
A obra imortal “I Juca Pirama”
Lá laiá lauê
Lá laiá laui
Guerreiro valente da tribo Tupy

I-Juca Pirama é um poema narrativo sobre um indígena tupi que, depois de ser capturado por timbiras, deve provar seu valor para ser digno de ser sacrificado em um ritual. Após reconciliar-se com seu pai e restaurar a honra de seu povo, o poema deixa subentendido que o indígena é submetido ao ritual de sacrifício.

Considerado uma das maiores referências da poesia indianista no romantismo brasileiro, um dos temas centrais é a afirmação ou a busca das origens da nacionalidade. Neste caso, I-Juca Pirama é a representação de um guerreiro tupi que sacrifica sua própria vida em nome do seu povo. Há a caracterização do indígena como um herói, com valores e códigos de honra.

Haja Deus

(Flor do Samba, 1979)

Autor: Chico da Ladeira e Tampinha

O amo canta
Uma toada pro guarnicê
Matraca toca boi dançando até o amanhecer
Salve o divino ô salve o Divino,
Meu imperador
Ao som das caixas pedindo esmola e amor
Meu boi bumbá
Bumba meu boi
Meu cazumbá onde é que foi
O carnaval é a festa maior
Tem colombina ô tem dominó
No jogo do baralho
Quem se espanta é o fofão ôlálá
Chegou cruz-diabo com sua lança na mão
Ô ô ô ô ô ô
O negro canta em dialeto
Lá na casa de nagô
Tambor rufou é mina, o terreiro empoeirou

Tambor de crioula
Na avenida a tocar
E a negra velha
Sai dançando o pungá
A rabeça dá cadência ao contrapasso
Na baixada o lamento ecôou
São Gonçalo é festa religiosa
Pela-porco de Rosário
Foi a França que exportou
Cavala-canga
Curupira e Perêê
É tarde eu já vou indo
Vou dançar o lê lê lê
Haja Deus quanta beleza
A flor do samba vem mostrar
São festejos e motivos
Da cultura popular.

Haja Deus foi um dos sambas imortalizados na cultura popular maranhense. Os compositores Chico da Ladeira e Tampinha apresentam inúmeras manifestações culturais e religiosas locais, especificamente, o **Bumba-meu-boi**, a **Festa do Divino Espírito Santo**, **Tambor de Crioula** e o próprio Carnaval, além de algumas lendas folclóricas, como a Cavala-canga (mula sem cabeça), o Curupira e o Saci Perêê.

GLOSSÁRIO

O **bumba-meu-boi** é uma manifestação tradicional do São João no estado do Maranhão, considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco e dividem-se em cinco sotaques: baixada, matraca, zabumba, costa-de-mão e orquestra.

O **Tambor de Crioula** é uma dança afro-brasileira considerado Patrimônio Cultural Imaterial, realizada com a participação das coreiras (mulheres que dançam ao som do batuque dos tambores).

A **Festa do Divino Espírito Santo** é uma forte expressão religiosa brasileira, faz parte do calendário religioso. É comemorada cinquenta dias depois da Páscoa.

Por exemplo, o samba-enredo traz a figura do fofão, uma marca popular e resistente da tradição carnavalesca ludovicense. Todos esses exemplos podem ser utilizados como referências da diversidade cultural do estado, de modo que identifiquem as suas tradições históricas e memórias, além da construção de valores como respeito e preservação da sua cultura.

Poema Sujo
(Turma do Quinto – 1985)
Autor do Samba: César Teixeira

Tá pegando fogo a multidão Que no espelho do poeta viajou Ô ô ô ô ilusão Tem águia no exílio do condor Uirá vem sonhar de novo Hoje a fome é do povo Como o céu é do urubu E os guerreiros continuam vivos No cocar do Uirapuru É pahí Aukê! Vamos guerrear Pra sobreviver Akomabu Babá (E salve! Salve!) Salve as mulheres da Zona	Que também choram nas praças de maio Pelas crianças negadas E as estrelas torturadas Numa traição dos raios Salve do lixo e da lama Essa voz que nos chama Nas margens do rio anil E o Timbiras devorados Pelos faraós do meu Brasil (Pois é!) Tem reco-reco e caçarola pra tocar - “e o canário nem- seu- Souza” Trá lá lá lá lá!
---	--

No carnaval de 1985, a Turma do Quinto trouxe como enredo o Poema Sujo, uma obra de Ferreira Gullar. O maranhense publicou, em 1976, um poema com informações de sua vida pessoal, revivendo a infância em São Luís e alguns pensamentos e ideais políticos que adquiriu ao longo de sua vida. Por conta da sua escrita política, Ferreira Gullar acabou sendo exilado e algumas de suas obras, como o Poema Sujo, foram censuradas pelo regime militar

Outros pontos de destaque do samba-enredo são as referências à resistência do povo negro e dos povos indígenas, indicando mais exemplos com o tom de crítica política do samba. Em certo ponto, o compositor faz alusão ao termo Akomabu. Em São Luís, Akomabu é um importante Bloco Afro do carnaval ludovicense. Com um batuque forte e marcante, dança coreografada, esses blocos conciliam a folia com as denúncias acerca de questões sociais (violência, discriminação, preconceito); além de transmitir uma mensagem de luta e resistência da negritude. O pioneiro desse movimento foi o Akomabu, criado em 1984 pelo Centro de Cultura Negra (CCN – MA).

Chegamos ao final desta aventura carnavalesca, espero que tenham gostado de conhecer o Carnaval Ludovicense!

Documentação e Bibliografia

1 – JORNAIS

O Estado do Maranhão, 02, de janeiro de 2020.

O Estado do Maranhão, 18 de fevereiro de 1980.

O Estado do Maranhão, 15 de fevereiro de 2020.

O Estado do Maranhão, 07 de fevereiro de 2018.

O Imparcial, 08 de fevereiro de 1974.

O Imparcial, 24 de fevereiro de 1974.

2 – IMAGENS

O entrudo familiar (página 5). Disponível em: <http://nla.gov.au/nla.obj-134509200/view>. Acesso em 18 jun. 2021.

O entrudo popular (página 5). Disponível em: <http://memoriasdemomo.com.br/e-fez-se-o-carnaval/>. Acesso em 20 mar. 2021.

“No duello entre esses dois campeoes, fazemos voto para que o Entrudo morra d'uma vez” (página 7). Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1881_00238.pdf. Acesso em 22 de maio. 2022.

Imagem do fofão (página 10 e 11) - disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/02/16/exposicao-gratuita-em-sao-luis-celebra-a-figura-do-fofao-simbolo-do-carnaval-maranhense.ghtml>. Acesso em 22 de maio. 2022.

Chita vermelha (página 11) – Disponível em: https://images-americanas.b2w.io/produtos/25988946/imagens/tecido-de-chita-florida-vermelha-para-decoracao-festa-junina-35cm/25988949_1_xlarge.jpg. Acesso em 22 mai. 2022.

Chita verde (página 11) – Disponível em: <https://www.elo7.com.br/tecido-chita-100-algodao-1-00x1-40-floral-fd-verde/dp/173D6F4>. Acesso em 22 mai. 2022.

Fofões (página 11) – Disponível em: <https://nedilsonmachado.com.br/baile-do-fofao-homenageia-um-dos-icone-do-carnaval-maranhense/>. Acesso em 22 mai. 2022.

Máscaras de pape machê (página 11) – Disponível em: <http://www.cultura.ufma.br/index.php/aprenda-a-fazer-mascaras-de-fofao/>. Acesso em 22 mai. 2022.

Imagem do cordão de fofão (página 11) - disponível em: <https://oestadoma.com/noticias/2020/02/15/da-monstruosidade-a-irreverencia-a-tradicao-secular-genuina-do-fofao/>. Acesso em 22 de janeiro. 2022.

Imagem Tribo de índio no carnaval de rua de São Luís (página 12). Disponível em: <https://www3.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=242649>. Acesso em 22 de janeiro. 2022.

Imagens Curandeiro da Tribo de índio Tapioca Uhu e Tribo de índio Tapioca Uhu. (página 12) Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2013/noticia/2013/01/carnaval-de-sao-luis-tem-desfile-de-tribos-de-indios.html>. Acesso em 19 de janeiro. 2022.

Imagem Desfile de curso no Carnaval do Rio de Janeiro (página 13). Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiana/handle/20.500.12156.1/3950>. Acesso em 19 de março. 2022.

Imagem Desfile de curso no Carnaval de São Luís (página 13). Disponível em: <https://hbois.blogspot.com/2013/02/museu-de-tudo-corso-no-carnaval-de-sao.html?m=1>. Acesso em 19 de fev. 2022.

Imagem Casinha da Roça (página 13). Disponível em: <https://oestadoma.com/noticias/2018/02/07/por-falta-de-verba-tijupa-nao-desfilara-no-carnaval/>. Acesso em 19 de março. 2022.

Imagens “Bailes de carnaval da década de 1970 com as mulheres participando ativamente, durante a festa, e se divertindo” e “Bailes em clubes, com trajes de gala e decoração exuberante” (página 16). Disponível em: <https://oestadoma.com/noticias/2019/03/02/bailes-como-atalhos-sociais-as-mulheres-da-alta-sociedade/>. Acesso em 14 fev. 2022.

Pergaminho (página 17) – Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/papeis-velhos-de-pergaminho_6905535.htm#query=pergaminho%20antigo&position=1&from_view=keyword. Acesso em 22 mai. 2022.

Imagem Bloco Tradicional “Os Vigaristas” (página 20). Disponível em: <https://jpturismo.com.br/sao-luis-celebra-hoje-o-dia-municipal-dos-blocos-tradicionais/>. Acesso em 14 fev. 2022.

Imagem Bloco Tradicional “Os Apaixonados” (página 20). Disponível em: <https://jornalpequeno.com.br/2019/03/07/resultado-dos-blocos-tradicionais-e-blocos-organizados-do-carnaval-2019/>. Acesso em 14 fev. 2022.

Imagem Os primeiros blocos (página 21). Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/vem-ver-pequeno/noticia/2021/05/08/dia-dos-blocos-tradicionais-relatos-de-quem-vive-a-forma-genuina-da-manifestacao-cultural-em-sao-luis.ghtml>. Acesso em 14 fev. 2022.

Imagem Bloco organizado Os Liberais (página 21) disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2016/noticia/2015/12/conhecida-ordem-de-desfile-dos-blocos-organizados-do-ma-em-2016.html>. Acesso em 19 de março. 2022.

Imagem Bicho Terra (página 22)- disponível em: <https://www.blogsoestado.com/danielmatos/2017/01/13/pre-carnaval-na-casa-barrica/>. Acesso em 19 de março. 2022.

Imagem Cortejo da Máquina de Descascar'Alho (página 22) - <https://oestadoma.com/noticias/2021/01/01/batucada-de-carnaval-adaptada-a-pandemia/>. Acesso em 19 de março. 2022.

Bloco Afro Akomabu. Jornal Além dos Limites. Bloco Afro Akomabu (página 22) - disponível em: <https://jornalalemDOSlimites.com/bloco-afro-akomabu>. Acesso em 29 mai. 2022.

Imagem Fuzileiros da Fuzarca (página 23) - disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2015/12/fuzileiros-da-fuzarca-se-preparam-para-seu-aniversario-de-80-anos/>. Acesso em 20 de março. 2022.

Imagem Turma do Quinto no Carnaval de 2019, na Passarela do Samba (página 27) disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2020/noticia/2019/12/07/turma-do-quinto-lanca-o-samba-enredo-para-o-carnaval-2020.ghtml>. Acesso em 20 de março. 2022.

Imagem Mestre-sala e Porta-bandeira da Escola Favela do Samba (página 30) disponível em: <https://www.blogsoestado.com/marciohenrique/2019/03/06/a-favela-do-samba-e-a-grande-campea-do-carnaval-2019-de-sao-luis/>. Acesso em 18 fev. 2022.

Imagem de Ana Jansen (página 32) Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2018/01/o-verdadeiro-medo-da-poderosa-ana-jansen/>. Acesso em 18 fev. 2022.

Imagem da Carruagem de Ana Jansen (página 32). Mega Curioso. *Ana Jansen: a antiga lenda que assombrou o Maranhão do século XX*. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/misterios/119615-ana-jansen-a-antiga-lenda-que-assombrou-o-maranhao-do-seculo-xx.htm>. Acesso em 28 abr. 2022.

3 – BIBLIOGRAFIA

A Festa do Divino. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/festa-divino>. Acesso em 20 abr. 2022.

ABRANCHES, Dunshee de. **O Cativoiro**. São Luís: Lithograf, 1992.

ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. **Ana Jansen: a mulher e o mito**. In: COSTA, Yuri; GALVES, Marcelo Cheche; Maranhão: ensaios de biografia & história. São Luís: Café & Lápis, 2011.

ALBIN, Ricardo Cravo. Foi num carnaval que passou: Como o desfile se transformou nas últimas quatro décadas. **Revista Samba Rio e Carnaval**, Rio de Janeiro, 07 de março de 2011.

BÓIS, Henrique. No coração do Carnaval. *Revista Maranhão Turismo*, São Luís, jan/fev de 2004.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Resgatando o carnaval de rua: A fuzarca maranhense contra a homogeneização nacional-global**. In: *Revista USP*, São Paulo, v. 48, 2001.

BASTOS, Thiago. Bailes como “atalhos sociais” às mulheres da alta sociedade. **O Estado**, 02/03/2019. Disponível em: <https://oestadoma.com/noticias/2019/03/02/bailes-como-atalhos-sociais-as-mulheres-da-alta-sociedade/>. Acesso em 14 fev. 2022.

CARDOSO, Rafael; FRANSE, Olívia e WADA, Mieko. A tradição e história das tribos de índio, brincadeira do Carnaval do Maranhão. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2019/noticia/2019/02/25/a-tradicao-e-historia-das-tribos-de-indio-brincadeira-folclorica-do-carnaval-do-maranhao.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2022.

CARDOSO, Rafael. Conheça a história dos blocos tradicionais no Carnaval do Maranhão. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/carnaval/2020/noticia/2020/02/21/conheca-a-historia-dos-blocos-tradicionais-no-carnaval-do-maranhao.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2022.

CARVALHO, M. M. P. . (Org.) **Perfil cultural e artístico do Maranhão**. São Luis: Companhia Vale do Rio Doce/Governo do Estado do Maranhão, 2006.

Charanga. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charanga/>. Acesso em 20, abr 2022.

COELHO, Carla Araújo. O Estado Novo e a integração do samba como expressão cultural da nacionalidade. *Revista Vernáculo*, n. 27, 1o sem., 2011.

CUNHA, Patrícia. Grupos carnavalescos dão início ao carnaval de rua na Madre Deus. <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2017/01/grupos-carnavalescos-dao-inicio-ao-carnaval-de-rua-na-madre-deus/>. Acesso em 20, abr 2022.

ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. **Haja Deus: a Flor do Samba no Carnaval da Atenas Brasileira**. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

FARIAS, Júlio Cesar. **Para tudo não se acabar na quarta-feira: a linguagem do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2002.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GULLO, Carla; GULLO Rita, VANNUCHI, Camilo. *Carnaval*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2019.

IPHAN. Tambor de Crioula do Maranhão. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/63/>. Acesso em 20 abr. 2022.

IPHAN. Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/80>. Acesso em 20 abr. 2022.

I- Juca Pirama. **Educação Globo**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/i-juca-pirama.html#:~:text=O%20t%C3%ADtulo%20do%20poema%20%C3%A9,%C3%A9%20di gno%20de%20ser%20sacrificado>. Acesso em 20 abr. 2022.

MARTINS, Ananias Alves. **Carnavais de São Luís**. São Luís: Editora Teresina, 2013.

MARTINS, Samartony. Fofão, Figura emblemática do Carnaval maranhense. **O Imparcial**. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/oimparcial.com.br/cidades/2018/01/fofao-e-figura-emblematica-do-carnaval-maranhense/%3Famp>. Acesso em: 22 fev. 2022.

MONTEIRO, Débora Paiva. O mais querido "fora da lei": um estudo sobre o entrudo na cidade do Rio de Janeiro (1889-1910). **Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh**. Rio de Janeiro: Unirio, 19 a 23 de julho de 2010.

NOGUEIRA, Nathália Aparecida da Silva. Do Império à Republica: O carnaval visto pelos quadrinhos (1869 - 1910). **Revista História, Imagem e Narrativas**, v. 06, 2008, p. 01-20.

Rancho Carnavalesco. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/termo/rancho-carnavalesco/>. Acesso em 28 fev. 2022.

SANTOS, Roza. Velhos carnavais, velhos foliões. In: NUNES, Izaurina Maurina de Azevedo (org). *Olhar: memória e reflexões sobre a gente do Maranhão*. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003, p. 270.

SÃO LUÍS. Lei nº 1790, de 12 de maio de 1968. Dispõe sobre o Código de Posturas do Município de São Luís. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/codigo-de-posturas-sao-luis-ma>. Acesso em 19 de junho de 2021.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)**. São Luís: Eduema, 2015.

_____. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: permanências e rupturas no carnaval de São Luís (1950-1996)**. 2009. 151f. Teresina: Universidade Federal do Piauí – programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2009.

_____. A festa carnavalesca ludovicense e a herança medieval. In.: VIEIRA, Ana Lúvia Bonfim. ZIERER, Adriana (org.). **História antiga e medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedades e imaginário**. São Luís: Ed. UEMA, 2009, p. 187.

SILVA, Thays Conceição de Jesus Barbosa. **“Príncipe de Roma”**: memórias e transformações de um bloco tradicional do carnaval de São Luís. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2016

SOUSA, Mariana Pinheiro de **“Que o encanto não acabe na quarta de cinzas”**: as singularidades carnavalescas carioca e ludovicense (séc. XVII-XX). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016.

_____. **Cultura popular ludovicense na sala de aula**: sambas-enredo como fonte histórica educativa (1975-1985). Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **O império da folia e as máscaras da repressão**. III Jornada Internacional de Políticas Públicas. Volume 3, 28/30 de agosto. 2007. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/269d374da839c2dc089bsandra%20Nascimento%20Sousa.pdf>>. Acesso em 18 de junho de 2016.

VICENTE, Eduardo. **A música popular e o Estado Novo (1937-1945)**. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/37.pdf>. Acesso em 28 fev. 2022.